



ISSN: 2595-5713  
Vol. 04 | N°. 8 | Ano 2021

**Laurindo Lussimo Rufino**

# O OTCHIPULULUKILUO: RITUAL FÚNEBRE NYANEKA-NKUMBI, COMUNIDADE DO BAIXO BIMBI DO MUNICIPIÓ DA HUMPATA

THE OTCHIPULULUKILUO – THE RITUAL FUNÉBRE NYANEKA-NKUMBI, COMMUNITY OF BAIXO BIMBI OF THE MUNICIPAL DISTRICT OF HUMPATA

**RESUMO:** O presente artigo objetiva discutir o ritual fúnebre denominado por otchipululukiluo, praticado pela comunidade Muíla do Baixo Bimbi, situado no município da Humpata. O ritual é parte do repertório de práticas da comunidade Nyaneka-Nkumbi, que vive no território do que é hoje nomeado por Angola. A pesquisa baseou-se nos métodos de observação direta, através de entrevistas semiestruturadas que foram feitas com quatro pessoas pertencentes a comunidade Nyaneka-Nkumbi do Baixo Bimbi. Os dados foram analisados e contextualizados à luz de revisão bibliográfica especializada, de maneira que uma das conclusões possíveis é estabelecer liames deste ritual com outros rituais de igual natureza praticados por povos localizados em outras latitudes geográficas e de outros contextos culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Otchipullulukiluo; Ritos Fúnebres; Nyaneka-Nkumbi; Angola.

**ABSTRACT:** The present article aims at discussing the funeral ritual called otchipululukiluo, practiced by the Muíla community of Baixo Bimbi, located in the municipality of Humpata. The ritual is part of the repertoire of practices of the Nyaneka-Nkumbi community, which lives in the territory of what is today called Angola. The research was based on the methods of direct observation, through semi-structured interviews that were conducted with four people belonging to the Nyaneka-Nkumbi community, located in Lower Bimbi. The data were analysed and contextualized in the light of specialised bibliographic review, so that one of the possible conclusions is the establishment of links of this ritual with others of the same nature, practised by people located in other geographical latitudes and from distinct cultural contexts.

**KEY WORDS:** Otchipullulukiluo; Funeral Rites; Nyaneka-Nkumbi; Angola.

#### Site/Contato

#### Editores

Ivaldo Marciano  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

Rodrigo Castro Rezende  
[rodcastrorez@gmail.com](mailto:rodcastrorez@gmail.com)

# O OTCHIPULULUKILUO: RITUAL FÚNEBRE NYANEKA-NKUMBI, COMUNIDADE DO BAIXO BIMBI DO MUNICÍPIO DA HUMPATA

Laurindo Lussimo Rufino<sup>1</sup>

## Introdução

Neste artigo retratamos de forma sucinta um ritual fúnebre praticado pelos povos Nyaneka-Nkunbi.<sup>2</sup> O ritual foi observado na comunidade do Baixo Bimbi. Com o mesmo, pretendemos facilitar a compreensão relativa do papel social do *otchipululukiluo* para a comunidade Muíla do Baixo-Bimbi. Para tal, na primeira parte do mesmo, fazemos o enquadramento geográfico do município da Humpata, circunscrição administrativa onde podemos encontrar a comunidade Muíla do Baixo Bimbi. Na segunda seção, discutiremos sobre a filosofia da morte entre os Nyaneka-Nkumbi e do *otchipululukiluo*, enquanto ritual fúnebre, destacando as diferenças na celebração do mesmo, tendo em conta a heterogeneidade social dos membros que constituem aquela comunidade, fato que em muitos casos faz supor que existem vários rituais parecidos entre as populações daquele grupo. Abordaremos também a questão relativa ao significado que o ritual acima referido tem para os Muíla do Baixo Bimbi, bem como procuramos na base da revisão bibliográfica relativa aos rituais fúnebres, relacionar o *otchipululukiluo* do Baixo-Bimbi, com outros rituais fúnebres praticados por povos em outros contextos culturais.

## Situação Geográfica do Município da Humpata

Humpata é um dos 14 municípios da província da Huíla em Angola. Está situado entre os meridianos 13° 45' e 12° 50' de longitude Este e pelos paralelos 16° 15' e 14° 30' de latitude Sul, tem uma superfície de 1 239 km<sup>2</sup> e uma população aproximada de 82 758 habitantes (VELA, 2015 apud INE, 2014). Os seus limites geográficos são: a Norte o município do Lubango, a Este

---

<sup>1</sup> Laurindo Lussimo Rufino. Mestre em Ensino da História de África pelo ISCED/Huíla. Professor Assistente no Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED, Huíla, Departamento de Ciências Sociais, Secção de Ensino da História. Professor efetivo no Colégio nº 57 “1º de Dezembro” no Lubango – Angola [laurindolussimorufino@gmail.com](mailto:laurindolussimorufino@gmail.com)

<sup>2</sup> De acordo com Estermann (1960), Nyaneka-Nkumbi é um grupo étnico que se instalou num extenso território que hoje compreende a província da Huíla, situada no sudoeste da República de Angola. O grupo em referência é composto por dez (10) subgrupos, nomeadamente: Muíla, Ganbo, Humbi, Donguena, Himba, Cuanqua, Handa do Quipungo, Quilengue - Humbi e Quilengue- Musso.

Ora, em volta desta classificação, registam-se algumas discrepâncias com outros autores, a título de exemplo Melo (2005), retira da mesma o Handa, classificando-o como um grupo, bem como separa Nyaneka para um lado e Nkumbi para outro. No presente, não há disponíveis dados estatísticos referentes ao número de indivíduos que compõem o referido grupo.

o município da Chíbia, a Sul e Oeste os municípios do Virei e Bibala, respectivamente, sendo estes últimos pertencentes a província do Namibe: “*institucionalmente o município da Humpata não possui comunas, no entanto, destaca-se a importância que as regiões de Palanca, Caholo, Bata-Bata e Neves (denominadas “sectores”) apresentam para o município, para além da Sede Municipal*” (VELA, 2015, p. 15).

## **O Clima**

Localizado na região sudoeste de Angola, Humpata é delimitada por dois municípios da província da Huíla e por outros dois que se situam na província do Namibe. Predominam na Humpata “[...] *três grandes tipos climáticos de acordo com a classificação climática de Köppen, nomeadamente: o clima tropical de altitude com estação seca (Cw), o clima desértico (BW) e o clima semiárido de estepe (BS)*” (VELA, 2015, p. 160 apud FEIO, 1981). As temperaturas médias anuais aumentam com o afastamento do mar até a base da escarpa da Leba, fazendo com que na localidade em destaque se atinjam valores de temperatura média anual de 17, 2° C e de 17, 8° C. A influência do relevo traduz-se em quantitativos de precipitação anual elevados (VELA, 2015).

## **Caracterização do Grupo Nyaneka Nkumbi**

### **Vestuário**

Neste grupo social, as senhoras se apresentam vestidas de panos de samakaka<sup>3</sup> cabelos entrançados de tranças típicas. Como consequência da colonização, o pescoço normalmente é adornado por missangas de cores variadas – na idade adulta envolto de um colar contínuo de cobre, podendo adornar as pernas e os braços em representação da riqueza em gado que o seu esposo possui, riqueza esta que deve ser preservada, mantendo-se de forma transcendental no seio da família, significando o valor sociocultural dos Nyaneka - Nkumbi (SILVA, 2010).

A agressão dos cafres<sup>4</sup> aos territórios boers obrigou estes a pedir ajuda à Inglaterra, mas no quadro da necessidade decorrente da Conferência de Berlim, segundo a qual as potências colonizadoras deviam povoar os seus territórios com população branca, para garantir a ocupação efetiva, Portugal, dada a sua pequena extensão territorial e a fraca densidade populacional, via-se impossibilitado de cumprir aquela cláusula com sua população. Por tal fato, o seu Cônsul, no Cabo da Boa Esperança, antecipou-se e negociou com as famílias cafres a possibilidade das

---

<sup>3</sup> Tecido tradicional dos Muíla, povos do sul de Angola, com estampas geométricas multicolor (vermelho, branco, preto e amarelo).

mesmas se fixarem no planalto da Huíla, mais concretamente na região da Humpata. Foi assim que um número considerável de famílias boers se lançou para uma migração em direção ao norte, embrenhando-se no profundo *hinteland*, esperançoso não só de salvar suas vidas e manadas de gado bovino, mas também de realização social e individual, indo parar ao então domínio português de Angola (AZEVEDO, 2014).

É importante que se diga que apesar da colonização portuguesa sob socorro da fixação de colonos boers, a atual população da Humpata em geral e do Baixo-Bimbi de forma particular, caracteriza-se por ser biologicamente uma mestiçagem resultante do contato estabelecido por estes três grupos sociais, designadamente: Nyaneka-Nkumbi, Portugueses e Boers, sendo que grosso modo o grupo social mais numeroso era o primeiro, pois se constituía de população bantu – nyaneka-nkumbi – num número aproximado de 20.000 indivíduos, seguido das cerca de 600 famílias boers, quando a população branca portuguesa não passava dos 97 indivíduos (AZEVEDO, 2014, p. 34).

Porém, apesar da colonização a que foram submetidos, os Nyaneka-Nkumbi, provavelmente por se constituírem no maior grupo sociocultural, conseguiram amenizar o impacto da aculturação imposta pelo assimilacionismo colonial português da época e mantiveram quase que intactos muitos dos seus hábitos e costumes, fazendo-os perdurar no tempo, sendo ainda corrente a prática de muitos deles atualmente, pois o ritual alvo do nosso estudo é um destes sobreviventes ao contato cultural havido. Portanto, o ritual em causa foi por nós observado em meados de 2018, na comunidade citada no Baixo Bimbi, onde a grande maioria na verdade é biologicamente mestiça e na qual a presença de “brancos *Nyaneka-Nkumbi*” é também significativa. Ora, apesar disto, o ritual observado nos fez realizar uma curta viagem no tempo, num tempo não tão distante quanto ao do paleolítico, idade em que as comunidades humanas começaram a dar tratamento sepulcral aos seus entes falecidos (GUANDALINI, 2010, p. 4 apud CALLIA, 2005, p. 8-9; e JUAREZ; PEDROSA, 2008, p. 8), mas paradoxalmente, a um tempo imaginariamente não muito próximo do atual.

## **A Filosofia de Morte entre os Nyaneka-Nkumbi**

### **A Morte**

Desde os primórdios da existência humana, o homem se foi confrontando com a realidade factual da morte<sup>5</sup>, marcando tal realidade, um paralelismo existencial com a vida. Por ser algo

<sup>4</sup> Da palavra árabe "*Kâfir*" que significa infiel ou "não-crente" (FARINHA, 2005, p. 4).

<sup>5</sup> Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registos sobre a morte como perda, rutura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio (GUNDALINI, 2010, p. 4 apud KOVÁCS, 1992, p. 2).

desconhecida, dada a sua irreversibilidade, salvo em situações milagrosas em que os humanos são agraciados com os favores divinos da ressurreição, a morte se tornou alvo de especulação a julgar pela necessidade humana de explicar racionalmente os fenômenos associados à sua existência, a partida do ser humano deste mundo. Desta feita e tal como alude Callia (2005); Juarez e Pedrosa (2008) citados por Guandalini (2010), a morte habita dentro do homem. Ora, este posicionamento é também sustentado pelos Nyaneka-Nkumbi, embora a morte seja tomada como um mecanismo de passagem para o mundo dos ancestrais.

Como qualquer outro povo dotado de racionalidade, os Nyaneka-Nkumbi filosofam sobre a morte, aliás, como referiram Platão e Cícero, a filosofia não é “[...] *senão uma meditação para a morte*”, pois que “*Toda Filosofia é uma preparação para a morte*” (GUANDALINI, 2010, p. 8 apud MARANHÃO, 1998). Os *Nyaneka-Nkumbi* veem a morte como um portal através do qual o espírito transmigra do mundo material para um mundo dedicado aos seres espirituais, não sendo por isso mesmo – a morte – o fim da vida humana, tal como defende Kalute (2018). A morte é para as populações daquele grupo social, o início de uma nova fase na vida, correspondendo a etapa superior no desenvolvimento da pessoa humana. Muandunguila (2019) deixa claro que para os Nyaneka-Nkumbi o ser humano é a combinação das dimensões material e espiritual. Esta última evidencia-se por via da purificação, sendo que esta não ocorre sem a morte do corpo, posto que este seja corruptível, corrompendo o espírito com a sua natureza biológica fraca, às intempéries naturais e a sua subjugação as necessidades, decorrentes da sua natureza carnal.

Para a nossa entrevistada, apesar de saber que com a morte irá se consumir a separação da componente material e espiritual, o defunto continua a ser tido como membro da sociedade. Desta feita existe, paralelamente ao mundo dos seres humanos materiais, o mundo dos seres humanos espirituais, conhecidos na cultura dos Ovanyaneka-Nkumbi como os *onondele* ou *onohande*, palavras que traduzidas para o português significam espíritos, seres que permitem o estabelecimento de uma relação mutuamente vantajosa entre os dois mundos em referência, propiciando entre os povos em causa sustentar a convicção da inexistência da morte efetiva.

Em 2018 fizemo-nos presentes no ato de realização das exéquias fúnebres da sobrinha de um cunhado. As referidas exéquias decorreram na localidade do Baixo-Bimbi. Quando partimos em cortejo fúnebre, tudo parecia normal, mas a surpresa se deu já no cemitério. A mesma resultou do ato de ter sido acesa uma fogueira no recinto correspondente ao cemitério, a escassos centímetros do esquife. Para vermos esclarecido o referido fenômeno, realizamos no quadro do curso de mestrado em Ensino da História de África, um trabalho investigativo em volta do ritual observado, e que aguçara a nossa curiosidade decorrente da limitação imposta ao nosso entendimento empobrecido pela ocidentalização que simultaneamente a enobrece e confunde.

Sabíamos que os rituais fúnebres são celebrados em inúmeras sociedades, quer nas ditas primitivas, quanto nas complexas ou modernas, entre cristãos, muçulmanos, hindus, judeus ou povos que professam outros credos religiosos. Embora as crenças possam ser sustentadas em divindades diferentes, há entre os fiéis de tais religiões um aspecto comum, a necessidade de explicar, justificar e “*comprovar que a morte não é um fim. O sepultamento se torna um meio de preparar o defunto para um outro mundo, ou para uma outra vida depois da morte*” (GUANDALINI, 2010, p. 4 apud ANJOS, 1998, p. 4).

Ainda assim, havia um mistério por desvendar e para o efeito esboçamos um roteiro para guiar entrevistas, e em 16 de junho de 2018 nos deslocamos para o município da Humpata com o fito de manter uma conversa natural, frente a frente com algumas pessoas que estiveram presentes naquele funeral, para obter informações que possibilitassem saber o significado cultural de que se reveste aquele ritual para aquela comunidade. A primeira informação que obtivemos foi que o ritual alvo da investigação a que nos propusemos realizar é nomeada por *otchipululukiluo*. No item que se segue, traremos informações mais precisas em volta do mesmo.

### ***O Otchipululukiluo na Comunidade do Baixo-Bimbi***

*Otchipululukiluo* é um ritual praticado pelo povo *Nyaneka-Nkumbi* por altura do funeral de qualquer ente querido. Em conversa com os nossos entrevistados, todos foram unânimes em afirmar que a referida prática se justifica pelo fato de que entre as comunidades daquele grupo, desde os tempos remotos é costume os cemitérios se localizarem distante dos espaços residenciais, o que de certo modo tornava exaustivo o transporte do cadáver pelos ombros, desde o local de residência até o cemitério. Deste modo, urge a necessidade de efetuar algumas paragens para possibilitar que os homens que transportassem a urna pudessem descansar. É desta objetividade biológica que resulta o nome do referido ritual, uma vez que o lugar onde o cortejo conhece essa paragem para dar lugar ao tão necessário e merecido descanso, recebe o nome de *otchipululukilu*<sup>6</sup> (TCHIKAMBI, 2018).

Neste lugar, a urna não deve ser pousada no chão e, por isso, os homens cortam alguns arbustos e constroem uma espécie de mesa onde é pousado o caixão. Após isso ser feito, os parentes próximos ou amigos que tenham passado os últimos dias com o defunto, narram o historial de vida do(a) malgrado(a) e os acontecimentos que antecederam a sua morte. Também são cantadas as canções que o(a) alegravam (TCHIKAMBI, 2018). Neste particular, o ritual em

---

<sup>6</sup> A expressão *otchipululukiluo*, provém do verbo "*okupululukua*", na língua muila que traduzido para a língua portuguesa significa descansar, significando deste modo o “lugar do descanso”.

causa em parte se assemelha ao “Livro dos Mortos”<sup>7</sup> do antigo Egito, no que concerne a narração do histórico de vida do defunto, embora numa versão representativa-oral, podendo também assemelhar-se a outros rituais no que respeita aos outros aspectos referidos.

Nehova (2018), discorrendo sobre o mesmo assunto, referiu que no *otchipululukiluo*, embora sejam cantadas canções alegres, é terminantemente proibido executar passos de dança que expressem alegria, até porque as canções, mesmo as que possam conter letras que expressem alegria, são entoadas num tom de nostalgia. O local que acolhe o *otchipululukiluo* se converte num local sagrado, o que em regra geral situa-se a escassos metros dos carreiros, e todo o transeunte quando o avista, deve prestar homenagem<sup>8</sup> ao falecido, sob pena de atrair azar para si e sua família.

### ***Diferenças na Celebração do Otchipululukiluo na Comunidade do Baixo-Bimbi***

A heterogeneidade de que se reveste a sociedade, mormente a idade e a condição econômica do defunto, reflete-se também no modo como o ritual será celebrado.<sup>9</sup> Existe no atual contexto social diferenças na celebração deste ritual que se consubstanciam na idade, condição econômica e relação do falecido com o mundo dos espíritos (KALUTE, 2018). Podemos aqui observar que a diferença na celebração dos rituais, de forma geral, não só acontece entre os Nyaneka-Nkumbi, pois como refere Guanalini (2010), “*Os ritos fúnebres [...] são muitos e variados, e evoluem não só com os costumes regionais, mas também com a idade, o sexo e a posição social do defunto*” (GUANDALINI, 2010, p. 5).

Quando se trata de um indivíduo adulto é inadmissível e imperdoável que não se acenda uma fogueira, contrariamente a isso, quando se trata de uma criança, é terminantemente proibido a presença do elemento fogo (TCHIKAMBI, 2018). Se o funeral for relativo a um indivíduo humilde, o seu *otchipululuquiluo* se revestirá de igual simplicidade na medida em que não são abatidos quaisquer animais, sendo que se entoam em tom de tristeza as canções que o defunto geralmente gostava e se faça a narração do seu histórico de vida até o momento da sua morte. Assim é também o *otchipululukiluo* de uma criança de origem humilde (KALUTE, 2018).

---

<sup>7</sup> No Antigo Egito, mais especificamente na época do Império Novo, que teve início por volta de 1550 a.C. e termina em 1070 a.C., o Livro dos Mortos era usado com o objetivo de ajudar o morto em sua viagem para o outro mundo, afastando eventuais perigos que este poderia encontrar na viagem para o Além. Eram escritos em rolos de papiro e colocados junto às múmias (GUNDALINI, 2010, p. 6).

<sup>8</sup> Expressar algumas palavras de conforto ao defunto, fazendo alguma oferenda – podendo esta mesma ser traduzida em alimento, bebida ou qualquer bem material – sem se esquecer de o incentivar no sentido de fazer justiça, declarando-se inocente da morte do falecido. Esta homenagem não se recomenda apenas às pessoas que faziam parte do seu ciclo familiar ou de amigos, e sim a todos quanto avistem o local sagrado (MUANDUNGUILA, 2019).

<sup>9</sup> Os rituais são cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos, carregados de intencionalidade. Podem ser religiosos e não-religiosos, e estão presentes em todas as culturas (GUILOUSKI, 2012, p.1).

Para um indivíduo de origem nobre o *otchipululukiluo* é mais elaborado, podendo ser abatidas cabeças de gado bovino, sendo que o mesmo acontece para as crianças da mesma origem. Se o indivíduo falecido tiver tido uma relação, digamos, muito estreita com os *onohande* ou *onondele*, o cortejo poderá ser célere ou retardado, pois tudo há de depender do tipo de vínculo estabelecido entre o defunto e os seres em causa, que na base da qualidade das relações e das boas ou más práticas enquanto ser material, permitirá aos espíritos ancestrais decidir a respeito. Em determinados casos, o que raramente acontece é que o sepultamento pode ser feito nos dias que se seguirão ao do cortejo fúnebre, pois serão os *onondele* ou *onohande* a anuir o momento exato do sepultamento do defunto (KALUTE, 2018; NEHOVA, 2018).

Questionados a respeito das razões que levam a realização daquele ritual, os entrevistados foram unânimes em dizer que se trata de algo que lhes foi transmitido pelos seus antepassados e que vem sendo observado de geração em geração, com o objetivo de demonstrar ao defunto que não o abandonaram, e que embora esteja fisicamente inanimado e a caminho do mundo espiritual, a sua presença entre os vivos há de continuar, e que os vivos continuarão a reconhecer e a aceitar a sua existência no seu seio (KALUTE, 2018; NEHOVA, 2018; TCHIKAMBI, 2018; MUANDUNGUILA, 2019).

### ***Significado da Fogueira no Otchipululukiluo***

Como dissemos ao começar este artigo, o que de fato nos intrigou e denunciou a existência de um ritual desconhecido aos nossos olhos, foi o acender uma fogueira no recinto do cemitério a poucos centímetros do esquife. É chegada a hora de conhecer o significado do fogo naquele ritual. Ao que parece, acreditava que se fazia a fogueira para iluminar e aquecer as pessoas nos óbitos, porém, não é este o significado que justifica tal prática. Vejamos então o que significa a fogueira do *otchipululukiluo* para os Nyaneka-Nkumbi.

A fogueira que se faz, disseram os nossos entrevistados, tem o significado de “congregação” na medida em que por meio dela são congregados os vivos, o defunto e os espíritos ancestrais – os *onondele* ou *onohande* – Aliás, é sabido que nas comunidades tradicionais bantu e não-bantu, o fogo significa união, congregação, partilha, purificação e progresso. É a volta da fogueira que as pessoas se reúnem para partilhar conhecimento e assim evoluírem ao nível do mesmo, da afetividade e do saber-fazer. Por essa razão é que não se realiza esse ritual para um indivíduo adulto sem a componente “fogo”.

A prática deste ritual entra de comum acordo com o relato de Guilouski (2012, p. 1), ao considerar que “*O ritual em uma determinada tradição religiosa é a possibilidade de o adepto entrar em comunhão com a fonte primordial de força e energia que jorra das origens*”. Como



dissemos por via da fogueira do *otchipululukiluo*, o falecido estabelece uma comunhão com os seres humanos materiais e espirituais. Desta comunhão, como referimos, os vivos têm a responsabilidade de lhe prepararem o caminho para o mundo dos espíritos e a responsabilidade de o apresentar ao Ser Supremo – o *Huku* – Deus, o Senhor que governa os dois mundos já referidos.

O argumento de Callia (2005), segundo o qual o ritual não mais é do que a demonstração clara da incapacidade de os homens se digladiarem com a morte e a tentativa de reconciliar-se com a mesma (GUANDALINI, 2010, p. 2 apud CALLIA, 2005), pode encontrar fundamentos entre os Nyaneka-Nkumbi do Baixo-Bimbi – na medida em que o *otchipululukiluo* visa estabelecer com o defunto um clima ameno, com vista a: (i) – amansar o seu espírito, pois vigora a crença de que não há morte corporal que não seja causada pelos espíritos maus ; (ii) - fazer com que o espírito do falecido leve para o além uma boa referência dos vivos, por formas a que os espíritos ancestrais sejam com eles benevolentes, concedendo-lhes chuvas abundantes, boas colheitas, descendentes robustos, fertilidade humana e animal dentre outras muitas outras benesses; (iii) - mediar a passagem do espírito imortal do defunto para o mundo a que se destina (NEHOVA, 2018); e, (iv) – possibilitar que no novo mundo, o espírito recém integrado possa ser pelos já encontrados, apresentado ao Ser Supremo *Huku*<sup>10</sup> – o governante dos dois mundos já referidos.

Para os *Nyaneka-Nkumbi*, a morte não deve ser aceita de ânimo leve, ainda assim ela resulta sempre num favor para os entes com existência física, pois o defunto, independentemente da sua idade ao transmigrar, converte-se num ente protetor, uma espécie de anjo, pois o homem “[...] ao tomar consciência da morte, procura a desintegração do envoltório carnal, pratica ritos que provam sua crença no além e procura facilitar o acesso a uma nova vida” (GUANDALINI, 2010, p. 5 apud BAYARD, 1996), aproveitando também o momento como uma oportunidade soberana para interagir com os espíritos, enquanto garantes da prosperidade (NEHOVA, 2018). Para os povos *Nyaneka-Nkumbi*, a celebração do ritual do *otchipululukiluo*, demonstrou haver, como sustenta Reis (1991). uma “[...] grande preocupação com relação ao destino e à salvação da alma fazendo com que as pessoas se utilizassem de ritos e cerimônias que proporcionassem ao morto uma boa vida no outro mundo” (LIMA, 2013, p. 1 apud REIS, 1991). Por essa razão, para o povo em causa, a realização deste ritual é de extrema importância pois que é do encaminhamento do espírito do ente falecido para o mundo dos *onondele* ou *onohonde* que se garante o bem-estar dos vivos, como veremos mais adiante.

Ora, podemos afirmar que o *otchipululukiluo*, como referiu (GUANDALINI, 2010, p. 5), “[...] enquadra-se nos ritos de incorporação ao mundo dos mortos”, sendo igualmente certo

afirmar-se que para o povo em destaque, esse ritual corresponde igualmente a um ritual de passagem, pois que por via do mesmo o espírito transita do mundo físico para o mundo espiritual, aliás como deixou claro Nehova (2018), a não realização deste ritual, impede que o espírito em trânsito seja recebido no seio dos espíritos ancestrais, pois os vivos enquanto seres materiais deste mundo devem manejar os elementos do seu mundo e apresentar o espírito desintegrado do corpo aos anciãos testemunhando as suas boas ações para que os espíritos ancestrais (sagrados) conheçam quem está às suas portas e o possam receber com honras no seu seio, do contrário o mesmo será visto como alguém que ameaça à paz e a boa convivência no outro mundo, e por tal razão não ser recebido.

Como vemos, os Nyaneka-Nkumbi estão alinhados com outros povos, que como refere Guilouski e Costa (2012, p. 2), os rituais fúnebres permitem aos humanos adentrar no mundo divino e trazê-lo para a dimensão humana, bastando para o efeito que os vivos impressionem, com as suas ações, as divindades para que em recompensa por tais atos o conselho dos espíritos ancestrais lhes conceda certos favores.

### ***Consequências que podem advir da não celebração do otchipululukiluo***

A não observância daquele ritual transparece um abandono do espírito do defunto, impedindo-o de ser recebido no além (NEHOVA, 2018), e equivaleria a abandoná-lo na fase de transição, uma zona de ninguém no que o espiritual diz respeito, convertendo-o numa espécie de espírito errante, condenado a vagar entre o mundo dos vivos e dos mortos sem que lhe seja reconhecida legitimidade para habitar qualquer um dos referidos mundos.

Segundo Nehova (2018), os espíritos perversos são o resultado do renunciar a prática dos rituais fúnebres, a ideia de que se é civilizado, muitas vezes pressupõe o abandono das práticas ritualísticas ancestrais e, o contraste tem sido demonstrado pelo fato de que nos dias que hoje correm, existem muito mais mortes, doenças, diminuição da esperança de vida e outros males – apesar de existir supostamente mais desenvolvimento tecno-científico – tudo porque na verdade a densidade populacional dos maus espíritos vem crescendo, pois os espíritos que não completam a sua jornada para o mundo habitado pelos espíritos ancestrais, reconhecem ter havido irresponsabilidade e indiferença dos vivos e por isso mesmo, enfurecidos, procuram em jeito de retaliação prejudicar os vivos em seu quotidiano. Esta realidade, de acordo com a entrevistada, concorre para o aumento significativo da taxa de mortalidade que se vem verificando.

---

<sup>10</sup> Deus na língua muila – língua dos Ovanyaneka-Nkumbi.

Outro entrevistado, Tchikambi (2018), defende tal como Nehova (2018), a ideia de que embora hoje nos alimentemos melhor, sejamos mais higiênicos, com melhores habitações e conforto de colchões, entre outros benefícios da modernidade, registramos uma taxa de mortalidade muito alta, tudo porque não fomos capazes de gerenciar com sapiência o choque registrado entre os valores culturais trazidos pelo colonizador europeu e aqueles que caracterizam a nossa ancestralidade, muitas das quais desvirtuadas ou mesmo perdidas, devido ao fato de termos abandonado.

Olhando para a maneira muito séria como os *Nyaneka-Nkumbi* encaram o *otchipululukiluo*, dados os valores que defendem e as convicções que os caracterizam, entendemos que deve ser sempre atual a nossa preocupação tendente a compreender – tal como refere Gundalini (2010, p. 1) - “[...] a transformação da relação do homem com a morte a partir de seu desenvolvimento histórico e cultural. Visando compreender por qual viés esta transformação ocorre”. Na verdade, esta preocupação não é de hoje, na medida em que desde o período em que os homens viviam organizados em hordas humanas o ato de pensar e compreender a morte tem coabitado consigo mesmo, e embora nos nossos tempos sejamos agraciados com muito mais tecnologias, sem descorar a importância da Bíblia Sagrada que para alguns dá respostas, o entendimento que se tem da morte, quer nas comunidades cristãs, quer não-cristãs, dão ênfase a um elemento comum, a “imortalidade do espírito”.

A julgar por isso, podemos afirmar que este entendimento que se tem da morte e que se difundiu por muitas culturas no planeta Terra, pode ser o resultado da existência em tempos remotos de uma religião comum, e que com o tempo tenha ganho ou perdido alguns elementos, se tornado por essa razão diferente em alguns aspectos, mantendo uma espécie de “quadro comum” a muitas delas. Logo, a forma como a morte é encarada, torna pertinente que se faça uma reflexão profunda e metódica a respeito de “[...] como este relacionamento influencia direta/indiretamente na existência da humanidade” (GUANDALINI, 2010, p. 7).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do *otchipululukiluo* permite aludir que, não obstante o longo período de colonização imposto aos Nyaneka Nkumbi da região do Baixo-Bimbi, os ancestrais continuam vivos nesta localidade por meio da tradição cultural manifesta pelos muitos rituais ainda praticados com particular destaque para a que referimos. Sendo esta uma clara demonstração de que a História deste povo, e em particular na região em referência, constitui um fato e que o mérito da tradição oral é forte, veículo através do qual o ritual vem sendo passado de geração

para geração permitindo que a autenticidade da História deste povo ágrafo se mantenha atemporal, apesar dos problemas advindos das políticas colonialistas de caráter assimilacionista.

Por essa razão, é imprescindível julgarmos que se estudem estes grupos minoritários no sentido de que se absorvam os ditos saberes periféricos ou endógenos daquelas sociedades simples, para a resolução dos problemas que se apresentam ao nível das sociedades complexas, e assim cultivarmos na afetividade das jovens gerações valores sócio morais e convicções que nos permitam construir no futuro uma sociedade mais justa e progressiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAUJO, Diana da Silva. **O Papel Social dos Ritos Fúnebres nas Irmandades Negras do rio Grande do Sul, Século XIX**. Departamento de História-UFRN, S/D.

GERALDO, Fernandez Juarez e Jose Manuel Pedrosa. **Antropologías del miedo**. Madrid: Calambur Editorial, 2008.

GUANDALINI, Felipe Correa. **As Transformações da Relação do Homem com a Morte**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2010.

GUILOUSKI, Borres e Costa, Diná Raquel D. da. (20 a 21 de agosto de 2012). **Ritos e Rituais**. Jointh Escola de Educação & Humanidades - Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades, p. 19. Disponível em: <<http://docplayer.com.br>. Acesso em: 24.03.2018.

LIMA, R. M. (22 - 26 de julho de 2013). **A Conveniência da Morte: os Rituais Fúnebres e o Consumo**. XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento Histórico e Dialogo Social, p. 17. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org>. Acesso em: 23.03.2018.

MARK Auge. **Dios Coomo Objeto**. Barcelona: Gedisa, S.A., 1988.

NETO, T. **História da Educação de Angola, Grupos Nativos, Colonização e a Independência**. Zaina Editores, 2014.

RODRIGUES, C. **Lugar dos Mortos na Cidade dos Vivos - Tradições e Transformações Fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Eletrônica - Augusto Duarte, 1996.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. **Ritos Funerários na Grécia Antiga: um Espaço Feminino**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

VELA, H. P. **Cartografia de Ocupação do Solo Derivada de Imagens de Satélite. Caso de Estudo: Município de Humpata, Angola**. Lisboa, Portugal: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, 2015.

## DOCUMENTOS

Iles/ULBRA Itumbiara. **Manual de Metodologia Científica. Itumbiara: Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara -GO-ULBRA, 2011.**

SILVA, V. **Nyaneka-Nkumbi maravilha turistas**. Jornal de Angola, 34, 2010.

## **ENTREVISTAS**

GOMES, M. C., & Alcará, A. A. (3 a 5 de agosto de 2016). **Entrevista: um Relato de Aplicação da Técnica**. VI Seminário em Ciências da Informação, p. 13. Disponível em: <<http://www.uel.br>. Acesso em: 24.03.2018.

KALUTE. Otchipululukiluo. (L. Rufino, Entrevistador). (16 de junho de 2018).

MUANDUNGUILA. Otchipululukiluo. (L. Rufino, Entrevistador). (01 de janeiro de 2019).

NEHOVA. Otchipululukiluo. (L. Rufino, Entrevistador). (16 de junho de 2018).

TCHIKAMBI, J. **Otchipululukiluo**. (L. Rufino, Entrevistador). (16 de junho de 2018).

**Recebido em: 03/05/2021**

**Aprovado em: 17/12/2021**